

MULHERES EM COMUNIDADES COSTEIRAS E INSULARES DO LITORAL DO PARANÁ: UM ESTUDO DE CASO DOS PRODUTOS ARTESANAIS TÍPICOS (PATs)

WOMEN IN COASTAL AND INSULAR COMMUNITIES OF THE PARANÁ COAST: A CASE STUDY OF TYPICAL ARTISANAL PRODUCTS (TAPs)

Adilson Anacleto¹

Larissa do Rosário Lopes Marques²

Resumo:

A região litorânea do estado do Paraná apresenta uma relação histórica e significativa com a produção dos Produtos Artesanais Típicos (PATs) desde o período colonial. Nesse contexto, observou-se que a região dispunha de produtos naturais que foram adaptados à arte, à culinária e a outras expressões culturais, os quais, ao longo do tempo, passaram a ser valorizados por consumidores em função de suas características singulares. Apesar da relevância social, econômica e cultural dessa atividade, ainda são escassas e fragmentadas as informações disponíveis acerca da temática. Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo realizar um diagnóstico sobre a situação do artesanato em comunidades costeiras e insulares localizadas nas ilhas do litoral do Paraná. Diante deste contexto, foi realizada entre abril de 2024 e abril de 2025, pesquisa exploratória descritiva junto a 221 mulheres artesãs. Os resultados evidenciaram que a produção artesanal nessas comunidades é predominantemente desenvolvida por mulheres com idade média de 48 anos, sendo que a maior parte (80%) possui escolaridade restrita ao ensino fundamental incompleto. Os principais tipos de PATs identificados foram: cestarias confeccionadas com cipó-preto e taquara; produção artesanal de farinha de mandioca, coleta de ervas medicinais, orquídeas, flores nativas e palmito; além do artesanato em madeira, que inclui a confecção de utensílios domésticos, como colheres de pau, rolos de macarrão e outros objetos. Os resultados do estudo indicam que a atividade artesanal desempenha um papel relevante no empoderamento feminino, uma vez que promove a autonomia financeira das mulheres e amplia sua participação nas dinâmicas econômicas e sociais das comunidades, proporcionando uma fonte de renda que, em muitas ocasiões, representa uma das únicas oportunidades de subsistência e geração de recursos em territórios marcados pelo isolamento e por restrições de acesso a políticas públicas e mercados formais.

Palavras-chave: Ilhas remotas. Conflitos Socioambientais. Empoderamento Feminino. Desigualdade social. Trabalho.

Agradecimentos: Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná pelo financiamento do projeto em pesquisa básica e aplicada do primeiro autor

¹ Doutor em Produção Vegetal/Agronomia, Programa de Pós-Graduação em Ambientes Litorâneos e Insulares - PALI - Campus de Paranaguá, adilson.anacleto@unespar.edu.br

² Mestra em Ambientes Litorâneos e Insulares, Universidade Estadual do Paraná – Unespar, ldorosariolopesmarques@gmail.com

Abstract:

The coastal region of the state of Paraná has maintained a historical and significant relationship with the production of Typical Artisanal Products (TAPs) since the colonial period. In this context, it was observed that the region possessed natural resources that were adapted into artistic, culinary, and other cultural expressions which, over time, came to be valued by consumers due to their unique characteristics. Despite the social, economic, and cultural relevance of this activity, available information on the subject remains scarce and fragmented. Given this scenario, the present study aimed to conduct a diagnostic assessment of the situation of handicraft production in coastal and insular communities located on the islands of Paraná's coastline. To this end, an exploratory descriptive study was carried out between April 2024 and April 2025 with 221 women artisans. The results showed that artisanal production in these communities is predominantly carried out by women with an average age of 48 years, most of whom (80%) have only incomplete primary education. The main types of TAPs identified were: basketry made from black vine and bamboo; artisanal cassava flour production; collection of medicinal herbs, orchids, native flowers, and palm hearts; as well as wood crafts, including the manufacture of household utensils such as wooden spoons, rolling pins, and other objects. The study results indicate that handicraft activity plays a relevant role in women's empowerment, as it promotes women's financial autonomy and expands their participation in the economic and social dynamics of communities, providing a source of income that, on many occasions, represents one of the only opportunities for subsistence and resource generation in territories marked by isolation and restrictions on access to public policies and formal markets.

Keywords: Remote islands. Socio-environmental conflicts. Women's empowerment. Social inequality. Work.

INTRODUÇÃO

A produção artesanal diversificada conforme descrito por Pellizzari et al. (2021) pode ser caracterizado como a manufatura de produtos resultantes da habilidade, destreza, qualidade e criatividade das mulheres que o praticam, seja por meios tradicionais ou rudimentares, e que expressam a cultura de uma determinada região, que tradicionalmente é transmitida através das gerações e constituem traços da vida rotineira de grupos e comunidades.

A produção artesanal entre as quais o artesanato do ponto de vista econômico, segundo Scheuer et al. (2023) muitas vezes tem relação com o trabalho informal em resposta a crise no ambiente onde vice a pessoa artesã que se vale da atividade com a finalidade de produzir renda e ocupação, além de atribuir identidade e tradições às regiões às quais pertencem por meio das peças produzidas.

A produção artesanal no Brasil tem raízes profundas, entrelaçadas com a história das populações indígenas, africanas e europeias que moldaram o país. Desde os tempos coloniais, essa prática percorre o território nacional carregando consigo modos de fazer, crenças e saberes que

transcendem o tempo e o espaço. À medida que se deslocava por regiões distintas, o artesanato assumia formas variadas, adaptando-se às condições naturais e culturais de cada localidade. Foi assim que, em sua trajetória até o litoral brasileiro, especialmente no Paraná, a produção artesanal passou a dialogar com o ambiente costeiro e insular, ressignificando técnicas, materiais e significados, e tornando-se parte essencial da identidade das comunidades que ali se estabeleceram.

A região litorânea do Paraná tem forte relação com a produção artesanal desde o período da colonização, quando foi evidenciado que a região possuía produtos naturais que foram adaptados a arte, a culinária e outras expressões culturais da região o que posteriormente passou a ser buscado por consumidores dado suas características únicas, que posteriormente foram denominados de Produtos Artesanais Típicos ou PATs.

A produção e comércio dos PATs no litoral do Paraná, atualmente, envolvem um contingente de mais de 400 famílias, (ANACLETO, A.; BORNANCIN, 2018) que tem nesta atividade a única ou a principal fonte de renda familiar, além de que são responsáveis pela comercialização e manutenção da cultura dos produtos típicos artesanais regionais. Ainda segundo os autores este tipo de artesanato na região litorânea do Paraná sempre esteve associado as mulheres residentes em comunidades caiçaras.

Anacleto e Michaliszyn Filho (2024) promovem um importante alerta sobre a situação, a saber: As mulheres residentes nessas comunidades desenvolvem essas atividades a décadas e são herança da cultura familiar, e não incomum no novo cenário são repreendidas e multadas por agentes de instituições de fiscalização e preservação ambiental. A vivência dessas famílias em seus locais de origem tem contornos indefinidos diante que as restrições impostas privam as comunidades costeiras e insulares das suas formas de viver e dos direitos as suas atividades tradicionais, isso gera impacto significativamente negativo na compreensão de si e de suas tradições conforme relatado por Valente e Negrelle (2013).

Anacleto e Michaliszyn Filho (2024) explicam que a tradição nas comunidades insulares é sustentada por uma transmissão oral contínua de saberes, ritos, costumes e práticas sociais que atravessam gerações, na maioria das vezes transmitido pelas mulheres inclusive nos territórios litorâneos e remotos do Paraná.

O litoral do Paraná, a expressão cultural oriunda do artesanato ganha contornos singulares nas comunidades tradicionais, especialmente nas comunidades caiçaras, onde o artesanato se associa à vida cotidiana das mulheres, ao extrativismo e à relação íntima com o ambiente natural

e da dignidade do viver (Diegues, 1983; Anacleto; Bornancin, 2018).

Especificamente no que se concerne a produção artesanal em ambientes insulares o litoral paranaense apresenta especificidades importantes, pois está fortemente associada a figura feminina, a disponibilidade de recursos naturais locais. Práticas como a confecção de bijoias com sementes, cestaria com cipó preto e taquara, produção de utensílios de madeira e artes com conchas refletem não apenas um saber-fazer tradicional, mas também uma estratégia de resistência diante dos impactos da modernização (Wilke; Silva, 2022; Pellizzari, 2021).

O conhecimento sobre a realidade das mulheres nessas comunidades costeiras e insulares na baía de Paranaguá, somente pode ter origem na escuta dessas mulheres e assim se tornar uma fonte de orientação para atender as demandas e os anseios desse grupo de mulheres, nesta perspectiva esse estudo objetivou promover um diagnóstico sobre a situação do artesanato em comunidades costeiras e insulares localizadas nas ilhas do litoral do Paraná. Espera-se que o contingente de informações geradas possa no futuro contribuir com informações para minimização dos conflitos socioambientais, orientar a execução de planos de desenvolvimento sustentáveis com base na produção artesanal e contribuir para a permanência dessas mulheres em seus locais de origem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A baía de Paranaguá apresenta inúmeras comunidades insulares englobando grande riqueza natural e cultural e forte contexto na produção artesanal realizada por mulheres, assim o estudo foi realizado nas comunidades de Amparo, Eufrasina, São Miguel, Piaçaguera, Ilha de Teixeira e Ponta de Ubá. As mulheres residentes nessas comunidades além da produção artesanal também se dedicam produção de alimentos de subsistência como arroz, mandioca, frutas e hortaliças. A criação de pequenos animais para consumo familiar como galinhas e porcos e ao beneficiamento de produtos da pesca.

A coleta de dados que aconteceu no período de abril de 2024 a dezembro de 2024, visou então elaborar um diagnóstico junto a 221 mulheres artesãs dos variados tipos de artesanato nas ilhas da Baía de Paranaguá-Paraná – Brasil.

A pesquisa exploratória descritiva, de natureza quanti-qualitativa visou a busca pela autopercepção das mulheres envolvidas com a produção artesanais.

A coleta de dados de campo foi realizada com auxílio de um questionário semiestruturado que era preenchido durante a fase da entrevista (VERGARA, 2015). As entrevistas foram

realizadas nos locais de residência das mulheres que produziam artesanato e que concordaram voluntariamente em participar do estudo.

Inicialmente, as mulheres entrevistadas responderam perguntas acerca do perfil socioeconômico no que se refere à faixa etária, tempo de atuação com a produção artesanal, tipos de artesanato produzido, além dos principais produtos comercializados.

Após ser finalizada a coleta de dados similarmente ao proposto adotou-se a análise interpretativa e de conteúdo para categorização dos elementos-chave mencionados pelos especialistas e comunidade que garantiu uma visão abrangente e fundamentada sobre as dinâmicas do artesanato na Baía de Paranaguá, incluindo seus pontos fortes, desafios e possíveis estratégias para seu fortalecimento, bem como sobre os problemas socioambientais, conforme a proposição de Skulmoski et al. (2007).

RESULTADOS

O estudo revelou que entre a totalidade de mulheres envolvidas com artesanato nas ilhas, a atividade em sua maioria era exercida pelas mulheres (60 %) que eram classificadas como referências na confecção de artesanato, sendo que a maioria dos entrevistados (n=80%) possuíam a escolaridade limitada com o ensino fundamental incompleto.

A pesquisa de campo revelou que a produção e comércio de produtos artesanais típicos produzidos pelas mulheres eram direcionado a cestarias com cipó preto e taquara como balaios, bolsas e móveis, produção de farinha de mandioca branca e biju, coleta de ervas medicinais, extrativismo de orquídeas e outras flores nativas e palmito, cataia como saborização de bebidas, plantas alimentícias não convencionais, bem como ornamentos feito com resíduos de ostras, mariscos e conchas e frutos do mar transformados como o camarão, carne de siri, mariscos, peixes, ostras, caranguejo e lula que são transformados em pastel, empadão, empadinha, rissoles, coxinhas, folhados, bolinhos, croquetes, bobó, tortas, porções, caldos e caldeirada.

Figura 1- Tipos de artesanato em cipó preto e taquara fabricado por mulheres das comunidades costeiras e insulares da baía de Paranaguá



As formas de produção e de comércio das atividades artesanais era similar em todas as ilhas avaliadas e segundo as mulheres entrevistadas (60 %) nem sempre atende às necessidades dos consumidores, que muitas vezes ainda barganham no preço o que reduza a margem de lucratividade das artesãs.

A produção artesanal das comunidades costeiras e insulares segundo a totalidade das mulheres entrevistadas apresentam maior potencial de produção e comércio no período de veraneio quando o turista por si acaba por visitar essas localidades e busca a aquisição de souvenirs e lembranças além dos produtos tipos artesanais para levar consigo ao retorno.

O comércio fora do período de veraneios acontece em menor escala, no entanto ainda assim ocorre o fluxo de turistas aos finais de semana, as ilhas visitadas no presente estudo possuem muitos atrativos turísticos, além da beleza do cenário, também existem igrejas históricas, trilhas especiais como o Caminho do Beijo e sambaquis. Observou-se também que as comunidades têm se organizado no sentido de realizar festas e comemorações nestes locais, e quando da realização destes eventos o artesanato possui bom escoamento da produção.

O preço recebido pela produção artesanal é classificado como baixo por 60% das mulheres entrevistadas, que permanecem com uma parcela muito pequena do lucro total gerado pelo comércio dos produtos. Essa condição, segundo os relatos, tem se mantido ao longo de décadas, evidenciando um ciclo de desvalorização da produção local.

A única época do ano em que esse cenário tem modera alteração é durante o período de veraneio, quando a presença de turistas intensifica a demanda e o escoamento da produção em média, 40% são comercializadas diretamente ao consumidor final. Fora desse período, a produção

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 2 - JUL/DEZ 2025
Pág: 307-322

é escoada por meio de vendas diretas ao varejo, na maioria das vezes através de atravessadores, neste tipo de negociação foi constatado que as mulheres que produzem os artesanatos ficam com a menor parcela do lucro, enquanto os que comercializam o produto final nos centros urbanos obtêm margens de lucro significativamente mais altas, chegando a majorar o preço em valores superiores a 1000% o praticado pelos moradores.

A dificuldade de reversão desta situação é relatado por 75% das mulheres entrevistadas que associam à dificuldade a baixa organização coletiva, agravada pelo isolamento geográfico das comunidades costeiras e pela atuação predominante de atravessadores e varejistas mais estruturados financeiramente, que impõem os preços e, frequentemente, não remuneram adequadamente os produtos artesanais muitas vezes nos processos de aquisição desmerecendo a qualidade e a singularidade dos produtos para poder pagar menor preço.

A transformação da matéria-prima em peças artesanais é realizada por meio de técnicas tradicionais, predominantemente manuais, que valorizam a identidade cultural das comunidades costeiras e insulares, no entanto, durante a coleta de dados no campo, observou-se a ausência de infraestrutura adequada, como oficinas equipadas, e de acesso a tecnologias modernas limita a escala produtiva e reduz a competitividade dos artesãos em mercados mais atrativos.

A capacitação técnica para o desenvolvimento é um fator relatado, pela maior parte das entrevistadas (78%) relatou que não tem acesso a programas de treinamento que possibilitem o aprimoramento de suas habilidades, a geração de inovações e a modernização dos processos produtivos. Essa limitação prejudica tanto a ampliação do mercado consumidor quanto o aumento do valor agregado dos produtos artesanais, dificultando a competitividade dessas comunidades em espaços de maior alcance comercial.

Além disso, a transmissão do conhecimento sobre a produção artesanal diversificada pode estar comprometida nas ilhas investigadas, visto que 65% das mulheres entrevistadas afirmaram que as novas gerações, apesar de aprenderem as técnicas tradicionais, não enxergam nessa atividade uma oportunidade viável de sustento e sobrevivência. Esse afastamento progressivo dos jovens da prática artesanal representa um risco para a continuidade das tradições locais e para a preservação do saber-fazer comunitário.

O estudo revelou que os principais fatores que poderiam potencializar o artesanato na Baía de Paranaguá foi a forte inserção das mulheres na produção e gestão artesanal, promovendo o empoderamento feminino, a possibilidade de aplicação do modelo de desenvolvimento da economia circular e o uso de matérias-primas localmente abundantes e, portanto, de baixo custo

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 2 - JUL/DEZ 2025
Pág: 307-322

(tabela 02).

Tabela 02. Potencialidades do artesanato na Baía de Paranaguá no litoral do Paraná na percepção dos entrevistados.

Classificação	Potencialidades	IR
1	Participação das mulheres na produção e gestão artesanal, promovendo o empoderamento feminino	20,4
2	Potencial para aplicação da economia circular	20,4
3	Uso de matérias-primas locais e reaproveitamento de resíduos naturais	15,8
4	Parcerias institucionais para fortalecimento dos Arranjos produtivos locais	14,8
5	Integração da produção artesanal com o turismo de base comunitária (TBC)	11,3
6	Preservação de técnicas tradicionais transmitidas entre gerações	5,43
7	Possibilidade de certificação de produtos de origem artesanal	3,92
8	Expansão de mercados de consumo consciente e turismo sustentável	3,92
9	Identidade cultural e territorial	2,26
10	Possibilidade de políticas públicas voltadas à valorização da cultura local e ao fortalecimento da economia criativa	1,77

*IR = Índice de relevância

As limitações evidenciadas estavam associadas mais fortemente a as formas de organização da comunidade e a inexistência de modelos de governança da produção, seguido pela dependência de atravessadores que resulta em práticas comerciais desvantajosas e a legislação ambiental que restringe a algumas práticas de artesanato (Tabela 03).

Tabela 03. Limitações do artesanato na Baía de Paranaguá no litoral do Paraná na percepção dos entrevistados.

Classificação	Limitações	IR
1	Baixa capacidade de organização coletiva	14,2
2	Dependência de atravessadores que resulta em práticas comerciais desvantajosas	13,8
3	Legislações ambientais que restringem práticas tradicionais sem diálogo com as comunidades	12,2
4	Logística para escoamento da produção devido ao isolamento geográfico	11,5
5	Falta de acesso a programas de capacitação técnica para produção e comércio	10,6
6	Falta de acesso a programas de inovação sustentável.	9,01
7	Estrutura produtiva limitada devido a ausência de oficinas adequadas	8,08
8	Ausência de certificação dos produtos	7,15
9	Impactos das sazonalidades turísticas	6,73
10	Desinteresse das novas gerações em dar continuidade à produção artesanal tradicional	6,73

*IR = Índice de relevância

DISCUSSÃO

As comunidades situadas em ambientes insulares no litoral do Paraná compartilham um cotidiano marcado por contrastes entre fragilidades estruturais e riquezas culturais e naturais. A infraestrutura internas nessas localidades é limitada, com problemas de acesso às residências, vias de difícil circulação, ausência de saneamento adequado, poucas condições de água potável e inconsistência no fornecimento de eletricidade, frequentemente prejudicado por fatores climáticos. Os serviços públicos disponíveis também são escassos, as escolas funcionam em regime parcial e muitas comunidades carecem de postos de saúde e de atendimento médico regular.

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 2 - JUL/DEZ 2025
Pág: 307-322

A precariedade das condições existentes, atrelada a fragilidade das instituições e o déficit de capital humano e produtivo configuram um cenário de vulnerabilidade social nestas comunidades insulares, onde pouco ou quase nunca se observa a existência de projetos viáveis que possibilitem capacidade de desenvolvimento. Esse ciclo de exclusão reforçado pela falta de acessibilidade as condições de mudança do cenário impõem uma realidade perversa mantendo as comunidades à margem dos recursos de fomento, impedindo avanços na geração de renda e na permanência digna dos moradores em seus locais de origem.

As comunidades insulares devido à localização remota e à fragilidade do tecido social, permanecem muitas vezes “invisíveis” para o poder público. Isso dificulta a implementação de políticas públicas integradas que articulem as dimensões ecológica, social e econômica de forma interdisciplinar. A ausência de iniciativas estruturadas de valorização deste grupo de moradores acentua a desigualdade em relação ao continente e amplia ainda mais o isolamento, em meio a um cenário de poucas expectativas no que se refere a políticas públicas participativas, dialógicas e inclusivas.

Nesse contexto, a articulação entre os diferentes atores sociais torna-se indispensável para a construção de estratégias de desenvolvimento que promovam autonomia produtiva, geração de renda e preservação ambiental. A valorização da produção local e o fortalecimento dos arranjos produtivos tradicionais podem representar alternativas viáveis para a permanência das famílias em seus locais de origem e para a conservação dos modos de vida associados à cultura remanescente caíçara.

A análise dos resultados permite compreender que o artesanato das comunidades costeiras e insulares da Baía de Paranaguá não se reduz a uma prática econômica de subsistência, mas configura-se como expressão complexa de sistemas socioculturais enraizados em modos de vida tradicionais, atravessados por relações de gênero, territorialidade e resistência às pressões hegemônicas do mercado.

A centralidade das mulheres na produção artesanal, evidenciada pela maioria das entrevistadas, confirma seu papel de guardiãs da memória coletiva e transmissoras de saberes intergeracionais, o que coloca a prática artesanal como situação reativa de reprodução social e afirmação identitária, em consonância com a relevância dos saberes tradicionais em contextos de lutas pela sobrevivência e da necessidade de empoderamento. Esse protagonismo, entretanto, ocorre em condições de intensa precarização, já que a informalidade e a baixa remuneração dos produtos artesanais reiteram a marginalização estrutural do trabalho manual e criativo dessas

DIÁLOGOS POSSÍVEIS

ISSN 2447-9047
VOLUME 24, Nº 2 - JUL/DEZ 2025
Pág: 307-322

mulheres, frequentemente relegado à invisibilidade nas políticas públicas e explorado por atravessadores que reproduzem a lógica de exploração que subordina os modos de vida locais à racionalidade mercadológica.

As mulheres nos ambientes costeiros e insulares no que se refere ao artesanato tem buscado o empoderamento e por intermédio deste o alívio a evidente tensão entre valores comunitários de solidariedade e reciprocidade e as práticas desiguais impostas por mercados urbanos, que desconsideram a dimensão cultural do artesanato e o tratam apenas como mercadoria de baixo valor.

Os projetos de economia solidária tem sido uma resposta a redução a dependência estrutural do turismo de veraneio como principal via de circulação dos produtos, o que, embora amplifique temporariamente a demanda, reforça ciclos de vulnerabilidade econômica e instabilidade financeira, já que a lógica episódica do turismo não permite planejamento de longo prazo nem assegura condições dignas de reprodução social. Assim a mudança na questão de mercado, na quebra do padrão de sazonalidade configura um mecanismo de insubordinação, em que as comunidades permaneceram dependentes do consumo externo e incapazes de consolidar arranjos produtivos autônomos, o repensar a integração entre turismo e artesanato a partir de modelos de turismo de base comunitária gerou vínculos ainda que embrionários da urgência de redistribuir benefícios e valorizar a dimensão educativa e cultural dessas

Nesse sentido, a forte presença feminina na gestão artesanal não deve ser vista apenas como dado estatístico, mas como eixo estruturante de uma economia solidária que valoriza a cooperação, a autogestão e o protagonismo das mulheres, configurando práticas insurgentes que resistem à homogeneização cultural e à mercantilização massiva.

A persistência das mulheres nestes ambientes repleto de tensões que além das decorrentes do comércio, também enfrentam as questões ambientais, especialmente aquelas decorrentes da aplicação de legislações que restringem práticas tradicionais sem diálogo com as comunidades, a voz feminina expõe um paradoxo, onde ao mesmo tempo em que o artesanato contribui para a conservação dos ecossistemas ao valorizar o uso sustentável de recursos locais, as próprias artesãs são frequentemente criminalizadas por instituições estatais que desconsideram seus direitos culturais e territoriais, reproduzindo uma visão de conservação do meio ambiente excludente por não considerar as questões históricas de uso na natureza nestas comunidades.

Apesar dessas carências, os moradores dessas comunidades mantêm uma estreita relação com a localidade onde vivem, em sintonia com a natureza, usufruindo de alimentos frescos,

tranquilidade e um estilo de vida conectado ao território. A base da econômica nestas localidades está centrada na pesca artesanal, no cultivo agrícola de subsistência e na produção de artesanato.

A cooperação comunitária é evidente, embora sofra com as condições que limitam o potencial de desenvolvimento local, neste contexto Carmo e Guizardi (2018) enfatiza que a relacionado às comunidades tradicionais o engajamento coletivo associado aos processos de decisão compartilhada pelas mulheres nessas comunidades aparentemente se constitui um caminho bem fundamentado na busca por melhores condições de desenvolvimento das comunidades costeiras e insulares diante de que as ações não podem ser iniciadas, fortalecidas e nem tão pouco compreendidas de forma isolada, pois está diretamente ligada à capacidade dessas populações de se organizarem coletivamente e de atuarem de maneira colaborativa na gestão dos recursos naturais e das práticas produtivas.

Nesse sentido, a atuação feminina na organização para a cooperação local e a gestão participativa são elementos centrais para o fortalecimento dos arranjos produtivos artesanais que possam resultar na construção de estratégias sustentáveis para este grupo de mulheres.

As experiências observadas nas comunidades investigadas revelam que, quando ocorre a atuação de forma isolada, as possibilidades de inserção em mercados competitivos e de enfrentamento das pressões socioeconômicas e ambientais tornam-se significativamente reduzidas. Por outro lado, a partir da organização das artesãs e da formação de redes de apoio e da atuação de forma associativa ou em grupos de trabalho colaborativo as ações e os resultados das mesmas contribuem diretamente para o empoderamento das comunidades e para o fortalecimento da autonomia produtiva, especialmente das mulheres, que desempenham papel central no artesanato local. Situação similar foi relatado por Reyes-Samilpa (2020) e Leguía (2021) em que a união entre mulheres artesãs permitiu superar desafios como o acesso ao mercado formal, a baixa remuneração e a desvalorização social da atividade artesanal, além de potencializar o poder de negociação e a capacidade de organização logística e comercial.

A cooperação e a gestão compartilhada dos recursos naturais também são fundamentais para que as práticas produtivas se tornem mais sustentáveis e integradas ao meio ambiente, as decisões coletivas sobre o uso de matérias-primas, os métodos de produção e a distribuição de produtos podem criar mecanismos para evitar a sobrecarga ambiental e possibilitar um manejo mais equilibrado dos recursos locais, o que é especialmente importante no contexto insular, onde a disponibilidade de matérias-primas pode ser limitada e os impactos ambientais tendem a ser mais perceptíveis devido ao espaço geográfico reduzido.

A gestão participativa possibilita que as comunidades sejam protagonistas no planejamento e na execução das ações voltadas para a sustentabilidade, permitindo que as soluções sejam construídas a partir das necessidades e dos saberes locais, e não impostas por agentes externos, esse tipo de gestão fortalece o sentimento de pertencimento e responsabilidade coletiva, fatores essenciais para a continuidade das práticas tradicionais e para a proteção do território. Além disso, a gestão comunitária dos recursos naturais e dos arranjos produtivos pode estimular a diversificação das atividades econômicas, a introdução de práticas inovadoras e a abertura para novos mercados consumidores, sobretudo aqueles voltados ao turismo sustentável em locais remotos.

O fortalecimento da cooperação é um caminho viável para essas comunidades, mas em especial para as mulheres artesãs que em sua maioria são responsáveis por esses procedimentos, que tem mudado suas realidades a partir do momento em que passaram a liderar os processos do artesanato que também e revela possibilidade da transformação social e econômica em suas famílias. Assim, é urgente que sejam consideradas a criação de espaços coletivos de produção e comercialização, onde ocorra a troca de saberes, o apoio mútuo em momentos de crise e a construção de estratégias conjuntas para transformação da realidade instalada.

Assim, a cooperação e a gestão participativa não devem ser vistas apenas como ferramentas auxiliares, mas como pilares estruturantes para o desenvolvimento sustentável das comunidades insulares da Baía de Paranaguá. A organização coletiva amplia a resiliência dessas populações frente às ameaças externas, fortalece a economia local e contribui para a preservação das tradições culturais e dos recursos naturais, garantindo que os próprios moradores sejam os protagonistas de seus processos de transformação.

Aparentemente, a economia circular pode ser considerada como uma estratégia promissora para o fortalecimento da produção artesanal nas comunidades insulares da Baía de Paranaguá, urge considerar que este modelo propõe a substituição da lógica linear de produção caracterizada pela extração, transformação, consumo e descarte por uma dinâmica de reaproveitamento contínuo de recursos, na qual os resíduos passam a ser reinseridos nos ciclos produtivos. No contexto das comunidades tradicionais, essa abordagem se mostra particularmente relevante, pois permite conciliar a valorização cultural do artesanato com a promoção da sustentabilidade ambiental e o fortalecimento da economia local dado a riqueza dos resíduos da região como aqueles originários de peixes, sementes e conchas marítimas dispostas na praia entre outros.

O empoderamento das mulheres e a organização coletiva advinda desses processos mitiga

os problemas relacionados ao artesanato insular na arena de disputas da ecologia política, em que diferentes racionalidades mercadológica, estatal e comunitária entram em conflito pela definição dos usos legítimos do território.

Finalmente é possível considerar que os resultados apontam que o artesanato insular é simultaneamente trabalho, cultura, identidade e resistência, mas encontra-se tensionado por processos de precarização econômica, instabilidade decorrente da sazonalidade turística, desinteresse das novas gerações e políticas ambientais excludentes. Ao mesmo tempo, revela-se como campo fértil para transformações sociais no qual o protagonismo feminino, a valorização dos saberes locais e a inserção em economias alternativas podem se articular a agendas globais de sustentabilidade e diversidade cultural. O grande desafio consiste em transitar do reconhecimento retórico dessas práticas para a efetivação de políticas públicas e arranjos institucionais capazes de assegurar a permanência das mulheres em seus territórios, fortalecer sua autonomia produtiva e reposicionar o artesanato como elemento estratégico de desenvolvimento sustentável e justiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que a produção artesanal nessas comunidades é predominantemente desenvolvida por mulheres com idade média de 48 anos, sendo que a maior parte 80%, possui escolaridade restrita ao ensino fundamental incompleto.

Os principais tipos de PATs identificados foram: cestarias confeccionadas com cipó-preto e taquara; produção artesanal de farinha de mandioca, coleta de ervas medicinais, orquídeas, flores nativas e palmito; além do artesanato em madeira, que inclui a confecção de utensílios domésticos, como colheres de pau, rolos de macarrão e outros objetos. Adicionalmente, destacaram-se ornamentos produzidos a partir de resíduos de ostras, mariscos e conchas, bem como o beneficiamento de frutos do mar como camarões, siris, mariscos e peixes utilizados no preparo de caldos, caldeiradas e outros pratos típicos.

A maioria das participantes do estudo classificou como baixo o valor recebido pela comercialização dos produtos artesanais, o que reflete os desafios enfrentados para a valorização econômica dessa atividade. Ressalta-se que o grupo de mulheres investigado se distingue pelo uso de matérias-primas locais e pelo domínio de técnicas tradicionais, transmitidas de geração em

geração, o que contribui para a preservação e valorização dos saberes tradicionais.

O empoderamento feminino e a organização coletiva tem se mostrado um caminho relevante para mitigar os problemas relacionados a disparidade comercial, para a manutenção da identidade cultural, o fortalecimento da economia local, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, agravados pelo isolamento geográfico característico das comunidades costeiras e insulares.

Os resultados do estudo indicam que a atividade artesanal desempenha um papel relevante no empoderamento feminino, uma vez que promove a autonomia financeira das mulheres e amplia sua participação nas dinâmicas econômicas e sociais das comunidades, proporcionando uma fonte de renda que, em muitas ocasiões, representa uma das únicas oportunidades de subsistência e geração de recursos em territórios marcados pelo isolamento e por restrições de acesso a políticas públicas e mercados formais.

REFERÊNCIAS

- ANACLETO, A.; BORNANCIN, A. P. A. Local Productive Arrangement of Non-Wood Forest Products in Paraná Coast, Brazil, Between Ascension and Decline. *Australian Journal Of Basic And Applied Sciences*, v. 12, p. 67-71, 2018.
- CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cadernos de Saúde Pública*, 2018, 34.3: e00101417.
- DIEGUES, A. C. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em áreas costeiras. São Paulo: NUPAUB/USP, 1983.
- LEGUÍA, C. A força das redes sociais na resistência cultural das comunidades tradicionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 36, n. 106, p. 1-15, 2021.
- ANACLETO, A.; MICHALISZYN, F. L. A. Conflitos socioambientais e as comunidades tradicionais no litoral do Paraná: a erosão do ser e saber. *Observatorio de la Economía Latinoamericana*, v. 22, p. 2975-2999, 2024.
- PELLIZZARI, F. (org.). Apresentação. O meio ambiente litorâneo e insular do Paraná. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 12.
- REYES-SAMILPA, A. et al. Elaborar ayates: o trabalho artesanal hñähñu do hilado e tecido no

Vale do Mezquital, México. Itinerarios, n. 31, p. 267–291, 2020.

SCHEUER, L.; XAVIER, A. L.; FRANCA, L. S.; ANACLETO, A. On the coast of caiçara handicrafts Paraná, Brazil the new normal post pandemic Covid-19. International Journal for Innovation Education and Research, v. 11, p. 90-100, 2023.

SKULMOSKI, Gregory J.; HARTMAN, Francis T.; KRAHN, Jennifer. The Delphi method for graduate research. Journal of Information Technology Education: Research, 2007, 6.1: 1-21.

Vergara, A., Peña, M., Chávez, P., & Vergara, E. (2015). As crianças como sujeitos sociais: O transporte dos Novos Estudos Sociais da Infância e a Análise Crítica do Discurso. Psicoperspectivas , 14 (1), 55-65.

WILKE, O. M.; SILVA, S. R. Cosm visões, política e artefatos: considerações preliminares para uma abordagem da Baía de Paranaguá. Revista Mundi Sociais e Humanidades, v. 7, n. 2, p. 1–24, 2022.